

MÁ CONSCIÊNCIA: dívida, culpa e crueldade internalizada em a Genealogia da Moral

BAD CONSCIENCE: debt, guilt and internalized cruelty in the Genealogy of Morals

José Carlos Silva Rocha Costa¹

RESUMO: O presente artigo analisa o conceito de má consciência a partir da perspectiva Nietzscheana, destacando a conexão entre a consciência moral e culpa. Argumentaremos que a consciência moral é fruto da interiorização de instintos agressivos, que, reprimidos pelas normas sociais, possibilita o surgimento da má consciência. Essa dinâmica se origina da relação credor-devedor em sociedades primitivas, onde o não cumprimento de promessas resultava em punições. Com a ascensão do cristianismo, a culpa se tornou um conceito central, associando a natureza humana ao pecado original, desta forma, a moralidade é vista como obediência a costumes ancestrais, quando a crueldade, inicialmente exteriorizada, é reorientada de volta e se internaliza.

Palavras-chave: Culpa; Dívida; Nietzsche; Má consciência.

ABSTRACT: This article analyzes the concept of bad conscience from Nietzsche's perspective, highlighting the connection between moral conscience and guilt. The philosopher argues that moral conscience is the result of the internalization of aggressive instincts, which, when repressed by social norms, enable the emergence of bad conscience. This dynamic originates from the creditor-debtor relationship in primitive societies, where failure to keep promises resulted in punishment. With the rise of Christianity, guilt became a central concept, associating human nature with original sin, thus morality is seen as obedience to ancestral customs, where cruelty, initially externalized, is redirected back and internalized.

Keywords: Guilt; Debt; Nietzsche; Bad conscience.

INTRODUÇÃO

A história da ética tem a tendência de mascarar e até mesmo negar a existência dessa ligação entre a exigência de um gesto nobre atual cujo fundamento reside em um gesto nada nobre de um antepassado. No que segue, eu gostaria de apresentar a partir da leitura genealógica realizada por Nietzsche, os elementos fundamentais que estruturam a moral

¹ Doutorando e Mestre em filosofia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Bolsista Cnpq. Licenciado e Especialista em Filosofia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Atua como professor efetivo da disciplina de filosofia vinculado à secretaria de educação do estado da Bahia (SEC). ORCID: 0000-0002-1868-9198. E-mail: jcsrcef@gmail.com

ocidental. Não se trata de reparar aspectos da ética historicamente desejada, calcada na racionalidade dos costumes e a consequente elevação destes a um fundamento moral universal como encontramos na filosofia de Kant. O empreendimento aqui é mais modesto e visa expor a ligação entre o fundamento da moral e a ligação ancestral com a culpa, tentativa perpétua de introjetar valores espirituais que, na origem, foram impulsos naturais. Estes impulsos, uma vez espiritualizados e constantemente apresentados como valores, isto é, oriundos da interpretação judaico-cristã, resultou, segundo Nietzsche, na alienação da vida natural cujo traço mais evidente é o seu aspecto histórico e falível. Nesta leitura, se faz necessário reconhecer e admitir que a má consciência é um componente constitutivo da moralidade ocidental.

1. DA DÍVIDA À CULPA: a moralidade do costume

Na segunda dissertação da *Genealogia da moral*, Nietzsche explora a gênese da psicologia moral e seu impacto negativo na cultura moderna, que resulta na falsificação da natureza de nossa história cultural. A origem da consciência moral não é abordada sob o tradicional pano de fundo metafísico, como a “voz de Deus no homem”, mas é examinada por outro ângulo: a relação entre o instinto de crueldade, como o substrato mais básico da cultura e a impossibilidade de descarregar esses instintos devido às normas sociais. Para Nietzsche, a origem da consciência moral está intrinsecamente ligada ao sentimento de culpa. Ele destaca a palavra alemã “culpa” (*Schuld*) e associa o surgimento desse conceito à noção bem material de “dívida” (*Schuld*), que também carrega o significado de “culpa”. Genealogicamente, esse sentimento antecede a concepção de culpa em seu contexto religioso e é delineado por Nietzsche como a “moralidade do costume”, como evidenciado no aforismo § 9 de *Aurora*.² A moralidade do costume, conforme descrita por Nietzsche, representa a forma primordial de qualquer moral e remete à tendência do indivíduo em conformar-se aos costumes estabelecidos por uma autoridade superior. Esses costumes são baseados na tradição de uma comunidade primitiva e remontam a tempos imemoriais, nas fases iniciais da cultura. Nietzsche caracteriza esses costumes tradicionais como uma espécie de sistema

² Cf. *Aurora*, §9, KSA 3.21-22.

jurídico próprio, no qual os transgressores das leis comunitárias enfrentam punições. Essa pré-história da moralidade, que, devido à sua antiguidade, só pode ser concebida de forma hipotética, teria desenvolvido, nos primeiros grupos humanos, a capacidade de obedecer aos costumes tradicionais. Dessa forma, a moralidade do costume é vista como um marco fundamental na construção da civilização.

A moralidade não é outra coisa (e, portanto, não mais!) do que obediência a costumes, não importa quais sejam; mas costumes são a maneira tradicional de agir e avaliar. [...]. O que é a tradição? Uma autoridade superior, a que se obedece não porque ordena o que nos é útil, mas porque ordena (NIETZSCHE, 2004, p.17, grifos do autor).

A consciência moral e a intrincada relação psicológica envolvendo os sentimentos de culpa e má consciência, segundo Nietzsche, emergem de um extenso processo histórico de forjar a memória, a responsabilidade e a capacidade de fazer promessas no animal homem³. Foi dentro da relação primitiva entre credor e devedor que o filósofo discerniu a origem da consciência moral. Esse processo está intrinsecamente ligado à tarefa que a natureza paradoxalmente designou ao ser humano: dotá-lo da habilidade de fazer promessas e, assim, torná-lo um ser responsável.

Criar um animal que pode fazer promessas – não é esta a tarefa paradoxal que a natureza se impôs, com relação ao homem? Não é este o verdadeiro problema do homem? ... O fato de que este problema esteja em grande parte resolvido deve parecer ainda mais notável para quem sabe apreciar plenamente a força que atua de modo contrário, a do esquecimento (NIETZSCHE, 1998, p. 47, grifos do autor).

Em oposição à força natural do esquecimento, a moralidade do costume marcou o surgimento de uma memória duradoura, cuja origem Nietzsche identifica na relação de “promessa contratual” entre credor e devedor em uma sociedade primitiva. Essa relação fundamentava-se na confiança do credor e na promessa do devedor, ou seja, na crença de

³ O século XIX, no qual Nietzsche está inserido, é um século fundamental para as descobertas sobre a origem do ser humano e sua história genealógica. Apesar das críticas de Nietzsche ao darwinismo, o impacto filosófico das descobertas feitas pelas ciências desse século é imprescindível para o sentido processual e histórico no qual Nietzsche pensa sua *Genealogia da moral*. Ao inserir o “animal homem” na árvore evolucionária da vida, Charles Darwin situa o homem “desdivinizado” no seio da natureza. Resultado: da origem miraculosa, justificada pela metafísica, passou-se para o âmbito do vir a ser histórico. Cf. DARWIN, Charles. *A Origem do Homem e a Seleção Sexual*, 2009.

que, em um momento oportuno, a dívida seria quitada. Caso o devedor não cumprisse com o “contrato” de restituir ao credor o prometido, a punição pela quebra da promessa estava implícita em todas as transações sociais: o devedor concedia ao credor o direito de substituir a dívida por um castigo físico, permitindo ao credor exercer crueldade sobre ele. O pressuposto antropológico subjacente a essa dinâmica era claro: a lembrança de punições dolorosas incentivava o devedor a não transgredir as leis, ou seja, a respeitar o contrato.

É importante ressaltar que, na origem genealógica delineada por Nietzsche, nesse estágio inicial, ainda não havia a noção moral de culpa (Schuld), mas apenas a noção normativa, que regia as primeiras relações econômicas sociais e estava desprovida de qualquer conceito de livre-arbítrio. A punição não era baseada na ideia de que o transgressor poderia ter feito escolhas diferentes, mas sim no objetivo de restabelecer o equilíbrio, por meio da aplicação da dor, como forma de reparar o dano e aplacar a ira do credor, estabelecendo uma compensação considerada equivalente.

2. A ESPIRITUALIZAÇÃO DOS IMPULSOS

Na segunda dissertação de sua Genealogia, Nietzsche defende a tese de que o prazer em infligir castigos desempenhou um papel central nas antigas formas de compensação no direito pessoal. A compensação era alcançada por meio do exercício da crueldade por parte do credor, o que resultava em sua elevação psicológica em relação ao devedor, acompanhada da satisfação ao ver o devedor humilhado e maltratado.

Na medida em que fazer sofrer era altamente gratificante, na medida em que o prejudicado trocava o dano, e o desprazer pelo dano, por um extraordinário contraprazo: causar o sofrer – uma verdadeira festa, algo, como disse, que era tanto mais valioso quanto mais contradizia o posto e a posição social do credor. (NIETZSCHE, 1998, p. 55, grifos do autor).

Através da possibilidade da punição, surge a capacidade de exteriorizar a crueldade, que inicialmente se manifesta como uma espécie de impulso violento, um vestígio de nosso passado primitivo: “ver-sofrer faz bem, fazer sofrer mais bem ainda – eis uma frase dura, mas um velho e sólido axioma, humano, demasiado humano [...]”(NIETZSCHE, 1998, p. 56). Para além de poder infligir dor, era importante ter permissão para exercer o poder sobre os que não têm poder “[...] embora o credor possa não ser um tipo mestre, ao punir ele ‘toma

parte nos direitos dos mestres' é fortalecido ao demonstrar poder sobre um 'inferior'" (HATAB, 2008, p. 86). Infligir dor em alguém equivalia a uma elevada experiência de poder nessas práticas antigas. Nietzsche destaca o caráter festivo das demonstrações públicas de punição na antiguidade. A exemplo dos diversos castigos públicos medievais e das punições no Coliseu Romano, esses eventos eram frequentemente experimentados com celebração e entusiasmo, fato que para nós modernos seria um espetáculo moralmente mórbido: reunir-se exclusivamente para ver sofrer, como em uma final de campeonato, fazendo valer a exteriorização do nosso impulso bestial de crueldade. Entretanto, a pergunta que permeia toda a Genealogia e que Nietzsche nos incita a refletir é a seguinte: esse "animal cruel e feroz" foi de fato domesticado? Caso tenha sido, o impulso de crueldade desapareceu completamente do animal homem? A resposta do filósofo alemão sugere que o impulso de animal rapinante foi apenas espiritualizado, mas permanece presente de alguma forma.

Quase tudo a que chamamos "cultura superior" é baseado na espiritualização e no aprofundamento da crueldade — eis a minha tese; esse "animal selvagem" não foi abatido absolutamente, ele vive e prospera, ele apenas — se divinizou. O que constitui a dolorosa volúpia da tragédia é a crueldade; o que produz efeito agradável na chamada compaixão trágica, e realmente em tudo sublime, até nos tremores supremos e mais que delicados da metafísica, obtém sua doçura tão só do ingrediente crueldade nele misturado (NIETZSCHE, 1992, p. 135, grifos do autor).

O termo "espiritualização" na filosofia de Nietzsche não implica na negação do mundo sensível, nem segue a noção platônica de ascensão ao mundo suprassensível. Em vez disso, esse termo está relacionado à dinâmica psicológica que envolve o tratamento dos impulsos agressivos e a vontade de suprimi-los ou internalizá-los, algo típico da visão ascética que considera o corpo e os impulsos como o domínio do pecado. Nesse contexto, a espiritualização refere-se à transformação desses impulsos por meio de desvios engenhosos, deslocando sua meta original, e muitas vezes reprimindo-os para encontrar meios de satisfação mais sutis. Quando se trata de impulsos destrutivos, esses podem se voltar contra o próprio indivíduo, contribuindo para o surgimento da má consciência. Atento às manifestações psicológicas do homem moderno, Nietzsche observa que a crueldade não se restringe apenas ao ato de ver sofrer, mas também, à crueldade autoinfligida das práticas religiosas. "Há também um gozo enorme, imensíssimo, no sofrimento próprio, no fazer sofrer a si próprio" (NIETZSCHE, 1992, p. 136). Nietzsche se refere às práticas religiosas de autonegação e autoflagelação, à repressão de impulsos sexuais, às penitências puritanas,

entre outras, como exemplos de manifestações secretas do impulso de crueldade, voltadas, desta vez, contra si mesmo. Podemos depreender daí que, a partir das crueldades físicas sustentadas pelas relações jurídicas das primeiras sociedades, se moldaram as primeiras normas sociais – o surgimento da moralidade dos costumes e a psicologia moral.

Segundo Nietzsche, foi esse o ambiente que possibilitou a modificação do impulso de crueldade, mediante a interiorização e a espiritualização das práticas de castigo em valores morais. As modificações posteriores da cultura tomaram como base as transformações do impulso de crueldade, cujas transformações físicas assumiram gradualmente aspectos espirituais. Em resumo, a acepção moral que é designada na palavra “culpa”, para Nietzsche, é um desdobramento histórico da noção de “dívida”, a partir de uma relação primitiva entre credor e devedor.

3. MÁ CONSCIÊNCIA E ALIENAÇÃO DA VIDA NATURAL

Em meio à pressão das regras internas de uma sociedade primitiva, aqueles instintos agressivos, que antes eram descarregados para fora, voltam-se contra o próprio sujeito. Essa introjeção do aspecto agressivo está na origem da formação da consciência moral.

Todos os instintos que não se descarregam para fora voltam-se para dentro – isto é o que chamo interiorização do homem; é assim que no homem cresce o que depois se denomina sua “alma”. Todo o mundo interior, originalmente delgado, como que comprimido entre duas membranas, foi se expandindo e se estendendo, adquirindo profundidade, largura e altura, na medida em que o homem foi inibido em sua descarga para fora. Aqueles terríveis bastiões com que a organização do Estado se protegia dos velhos instintos de liberdade – os castigos, sobretudo, estão entre esses bastiões – fizeram com que todos aqueles instintos do homem selvagem, livre e errante se voltassem para trás, contra o próprio homem (NIETZSCHE, 1998, p. 73, grifos do autor).

A doença da má consciência, surgiu após a besta homem ser “domesticada”, como consequência da interiorização de instintos agressivos. Como apontado anteriormente, a consciência moral surgiu no animal homem após um longo e doloroso processo de criação de memórias, produção de promessas e adoção de responsabilidades. Foi nesse momento que os instintos mais inconscientes da vida natural, próprios ao animal selvagem, tiveram que ser sacrificados em nome do bem-estar e da paz da organização social. Em O mal-estar

na civilização, Freud discute a origem da consciência moral e sua concepção se aproxima do mecanismo apontado por Nietzsche em sua Genealogia, isto é, o da interiorização de instintos agressivos em nome da conservação de uma comunidade previamente organizada.

O que sucede nele, que torna inofensivo o seu gosto em agredir? Algo bastante notável, que não teríamos adivinhado e que, no entanto, se acha próximo. A agressividade é introjetada, internalizada, mas é propriamente mandada de volta para o lugar de onde veio, ou seja, é dirigida contra o próprio Eu. Lá é acolhida por uma parte do Eu que se contrapõe ao resto como Super-eu, e que, como “consciência”, dispõe-se a exercer contra o Eu a mesma severa agressividade que o Eu gostaria de satisfazer em outros indivíduos [...]. A civilização controla então o perigoso prazer em agredir que tem o indivíduo, ao enfraquecê-lo, desarmá-lo e fazer com que seja vigiado por uma instância no seu interior, como por uma guarnição numa cidade conquistada (FREUD, 2011, p. 69, grifos do autor).

Nietzsche continua a empregar a relação credor-devedor para estabelecer a relação de contiguidade entre má consciência e teologia. A reverência aos antepassados foi o gesto que moldou a ideia de sucesso das gerações futuras no mundo. Quanto mais sucesso as sociedades atingiam, mais glorificavam as figuras de seus ancestrais, concedendo-lhes o status de semideuses. A convicção prevalecia mediante a ideia de que o sucesso de uma sociedade tinha como causa os sacrifícios e as realizações de seus antepassados. Como podemos notar, a necessidade dos sacrifícios se reconhece e se justifica através de uma dívida (Schuld) para com a divindade, e com ela o medo diante do poder do ancestral.

Esta suspeita permanece e aumenta: de quando em quando exige um imenso resgate, algo monstruoso como pagamento ao “credor” (o famigerado sacrifício do primogênito, por exemplo; sangue, sangue humano, em todo caso). Segundo esse tipo de lógica, o medo do ancestral e do seu poder, a consciência de ter dívidas para com ele, cresce necessariamente na exata medida em que cresce o poder da estirpe, na medida em que ela mesma se torna mais vitoriosa, independente, venerada e temida (NIETZSCHE, 1998, p. 77, grifos do autor).

Com o advento do Deus cristão, “o Deus máximo até agora alcançado, trouxe também ao mundo o máximo de sentimento de culpa” (NIETZSCHE, 1998, p. 79). Pois o ancestral, Adão, não é mais reverenciado, mas sim o lugar do “pecado original”. Nietzsche chama de “golpe de gênio” do cristianismo a responsabilização humana pelo pecado original, isto é, a

culpa e a dívida que não podem ser quitadas na terra, relação estabelecida quando Deus se auto sacrifica pelas dívidas dos homens na figura de Cristo.

Até que subitamente nós achamos ante o expediente paradoxal e horrível no qual a humanidade atormentada encontrou um alívio momentâneo, aquele golpe de gênio do cristianismo: o próprio Deus se sacrificando pela culpa dos homens, o próprio Deus pagando a si mesmo, Deus como o único que pode redimir o homem daquilo que para o próprio homem se tornou irredimível – o credor se sacrificando por seu devedor, por amor (é de se dar crédito?), por amor a seu devedor!... (NIETZSCHE, 1998, p. 80, grifos do autor).

No percurso genealógico que Nietzsche descreve da má consciência, ela é inicialmente animal, sem atributos de consciência moral. “Uma matéria-prima que só ao fim de um longo processo adquirirá o aspecto moral de uma consciência de culpa, depois de entendida religiosamente como pecado” (ITAPARICA, 2011, p. 18). A interiorização da dívida e da culpa culminou na má consciência elevada ao mais alto grau na divisão binária da realidade no pensamento cristão, entre a vida natural e o aspecto sobrenatural que supostamente a compõe: por conseguinte, a interpretação binária moralista do sacerdote ascético entre a vida terrena, intrinsecamente pecaminosa e a perfeição divina da vida transcendente e virtuosa.

Apenas nas mãos do sacerdote, esse verdadeiro artista em sentimentos de culpa, ele veio a tomar forma – e que forma! O “pecado” –; pois assim se chama a reinterpretação sacerdotal da “má consciência” animal (da crueldade voltada para trás) – foi até agora o maior acontecimento na história da alma enferma: nele temos o mais perigoso e fatal artifício da interpretação religiosa. (NIETZSCHE, 1998, p. 129, grifos do autor).

O sacerdote ascético foi o responsável por persuadir o doente a encontrar a causa de seu sofrimento, seguindo a lógica do pastor: “eu sofro: disso alguém deve ser culpado” – assim pensa toda ovelha doente. Mas seu pastor, o sacerdote ascético, lhe diz: “Isso mesmo, minha ovelha! Alguém deve ser culpado: mas você mesma é esse alguém – somente você é culpada de si (NIETZSCHE, 1998, p. 117). Com a explicação da “causa” do sofrimento, o sacerdote aliviou a condição do doente. Aliviar não é o mesmo que curar. O resultado foi esse: “Transformou a fera em ‘pecador’: tornando-a culpada pela existência de seus próprios impulsos ‘bestiais’, suas mais fortes pulsões, o sacerdote pôde domá-la e tomá-la a seu serviço” (GIACOIA, 2013, p. 140-141). A mortificação do corpo constitui, justamente, esse

redirecionamento da violência e da culpa descarregada sobre si mesmo e acomodação psicológica ao rebanho do sacerdote.

O animal homem sofre porque se sente culpado por sua natureza pecadora e por suas transgressões contra Deus. “Não é apenas que as nossas ações sejam ‘más’, mas que são expressões da natureza caída, da ‘pecaminosidade’ e da ‘depravação’” (ELGAT, 2017, p. 102). Noções que confirmam o sucesso histórico do ideal ascético para a existência humana, como sintoma de enfermidade e alienação da vida natural. Má consciência, para Nietzsche, é sinônimo de sentimento de culpa: significa ter consciência interna de que cometeu um erro e a responsabilidade tê-lo cometido. A proposta de Nietzsche é que os instintos naturais agressivos foram interiorizados e forjaram um tipo psicológico novo. Esse tipo psicológico é equivalente a uma “doença” psíquica que trava uma guerra contra os instintos vitais e saudáveis. Após ser transformado em animal moral, o animal homem, por não ter inimigos externos e não poder exteriorizar seus impulsos agressivos, se vê obrigado a maltratar-se. Desta forma, o advento das crenças religiosas ocupa um lugar importante no desenvolvimento das normas morais, cuja consequência mais impactante pode ser observada na moral judaico-cristã, cujo efeito mais evidente se encontra na negação da vida natural em detrimento de um Deus sobrenatural, ao qual o homem sempre estará em dívida e com sentimento de culpa.

4. A VIDA ASCÉTICA É UMA CONTRADIÇÃO

O que torna a visão sacerdotal intrigante, aos olhos de Nietzsche, é a avaliação que esses sacerdotes fazem da vida. Eles se opõem ao mundo natural – em constante transformação – em defesa de uma realidade completamente sobrenatural. Além disso, o poder que o sacerdote adquire ao dar sentido ao sofrimento e à existência humana é notável. Uma explicação possível para esse impulso de negar a vida pode ser encontrada na busca por uma forma de autoalienação com o objetivo de conservação de um certo modo de vida. Em outras palavras, o ascetismo é visto como um “remédio” para lidar com a dura realidade da vida, uma saída psicológica para enfrentar a fraqueza, a dor e o sofrimento. A existência humana, muitas vezes difícil de ser suportada, atrai a concepção de uma realidade que transcende essas dificuldades.

O pensamento em torno do qual aqui se peleja, é a valoração de nossa vida por parte dos sacerdotes ascéticos: esta (juntamente com aquilo a que pertence, “natureza”, “mundo”, toda a esfera do vir a ser e da transitoriedade) é por eles colocada em relação com uma existência inteiramente outra, a qual exclui e à qual se opõe, a menos que se volte contra si mesma, que negue a si mesma: neste caso, o caso de uma vida ascética, a vida vale como uma ponte para essa outra existência. O asceta trata a vida como um caminho errado, que se deve enfim desandar até o ponto onde começa; ou como um erro que se refuta — que se deve refutar com a ação: pois ele exige que se vá com ele, e impõe, onde pode, a sua valoração da existência (NIETZSCHE, 1998, p. 106, grifos do autor).

Nietzsche interpreta a vida ascética como uma profunda contradição. Para ele, os instintos e a vontade não se contentam apenas em interpretar a vida; eles anseiam pela posse da própria essência da existência. Nesse contexto, o sacerdote ascético desempenha um papel crucial, reconfigurando as forças psicológicas poderosas. No entanto, o resultado dessa reconfiguração se manifesta na criação de valores que contrastam com uma vida vigorosa, exuberante e poderosa, assemelhando-se a um declínio em direção à enfermidade. “Aqui o olhar se volta, rancoroso e perverso, contra o florescimento fisiológico mesmo, em especial contra a sua expressão, a beleza, a alegria; enquanto se experimenta e se busca satisfação no malogro, na desventura, no fenecimento, no feio, na perda voluntária, na negação de si, autoflagelação e autossacrifício” (NIETZSCHE, 1998, p. 107, grifos do autor). Segundo Nietzsche, a vida ascética é uma contradição em si mesma, uma batalha entre a natureza e um elemento intrínseco à própria natureza, uma existência que se nega a si mesma. Esse fenômeno peculiar se torna viável quando os instintos de preservação da vida, mesmo quando enfraquecidos, fazem de tudo para se manterem na existência. Nietzsche introduz uma aparente contradição em seu argumento ao afirmar que, mesmo promovendo valores que negam a vida natural, a vontade de viver ainda persiste no sacerdote: “este sacerdote ascético, este aparente inimigo da vida, este negador — ele exatamente está entre as grandes potências conservadoras e afirmadoras da vida...” (NIETZSCHE, 1998, p. 110, grifos do autor). A aparente contradição, que é essa “vida contra vida”, parece ser superficial, uma vez que os instintos mais básicos da luta pela sobrevivência ainda estão presentes. O ideal ascético, em última instância, é um artifício concebido para preservar a vida diante da ameaça da morte.

A condição doentia do tipo de homem até agora existente, ao menos do homem domesticado; a luta fisiológica do homem com a morte (mais precisamente: com o desgosto da vida, com a exaustão, com o desejo do “fim”). O sacerdote ascético é a encarnação do desejo de ser outro, de ser-estar em outro lugar, é o mais alto grau desse desejo, sua verdadeira febre e paixão: mas precisamente o poder do seu desejo é o grilhão que o prende aqui; precisamente por isso ele se torna o instrumento que deve trabalhar para a criação de condições mais propícias para o ser-aqui e o ser homem — precisamente com este poder ele mantém apegado à vida todo o rebanho de malogrados, desgraçados, frustrados, deformados, sofrendores de toda espécie, ao colocar-se instintivamente à sua frente como pastor (NIETZSCHE, 1998, p. 110, grifos do autor).

Indiscutivelmente, Nietzsche concebe a condição humana como inerentemente doentia. Para ele, o ser humano é o animal mais enfermo entre todas as espécies, pois ousou desafiar de forma audaciosa, inovadora e notável o seu destino. Destacou-se como um experimentador de si mesmo, buscando o domínio supremo, desafiando não apenas a natureza, mas também os deuses e outros animais. É, ao mesmo tempo, o animal mais corajoso e, paradoxalmente, o mais vulnerável, tornando-se, assim, o mais enfermo. Essa aversão pelo eu e pela própria natureza humana originou uma nova forma de força, um poder que emergiu a partir desse desgosto e autorreflexão: “o não que ele diz à vida traz à luz, como por mágica, uma profusão de sins mais delicados; sim, quando ele se fere, esse mestre da destruição, da autodestruição – é a própria ferida que em seguida o faz viver...” (NIETZSCHE, 1998, p. 111, grifos do autor). Nietzsche argumenta que essa disposição para enfrentar o sofrimento e confrontar a negação da vida é uma expressão da “vontade de poder”, um conceito-chave em sua filosofia que se refere ao desejo humano fundamental de se afirmar, de criar significado e valor, mesmo nas situações mais desafiadoras.

O sacerdote ascético, à semelhança de um médico, compartilha da enfermidade dos membros enfermos de seu rebanho, “a dominação sobre os que sofrem é o seu reino, para ela o dirige seu instinto, nela encontra ele sua arte mais própria, sua mestria, sua espécie de felicidade. Ele próprio tem de ser doente, tem de ser aparentado aos doentes e malogrados desde a raiz, para entendê-los” (NIETZSCHE, 1998, p. 115, grifos do autor). Os sacerdotes ascéticos possuem uma habilidade única: ao mesmo tempo em que têm a força e a destreza para interpretar e criar situações mais favoráveis para si mesmos, eles conseguem estimular e manter, com grande devoção, todo um grupo de indivíduos que enfrentaram fracassos.

Conforme observa Janaway, a interpretação é uma das manifestações da vontade de poder de acordo com Nietzsche. Portanto, os sacerdotes, mesmo lidando com sua própria enfermidade, não deixam de ser poderosos.

Sendo fisicamente inativos, fracos e não agressivos, é natural que valorizem a passividade, a mansidão e a abstinência corporal. Não são menos poderosos por isso: a sua força reside na inventividade intelectual, na capacidade de interpretar, conceitualizar, mediar e persuadir, e para Nietzsche a interpretação é sempre uma instância de domínio e controle, uma instância da vontade de poder (JANAWAY, 2007, p. 226).

Apesar de sua própria decadência, os sacerdotes ambicionam o poder sobre aqueles que sofrem, disseminando seu ideal ao pregarem a doutrina que incita o repúdio à corporalidade, à multiplicidade dos impulsos e às suas manifestações. Possuem a capacidade de promover a preservação da vida decadente, ao proporcionar uma interpretação para o sofrimento daqueles que estão fatigados das agruras da existência terrena, e, assim, consolidam seu domínio sobre um rebanho de aflitos. Essa contradição entre natureza e cultura, ou seja, entre natureza e interpretação de suas demandas, conduz à plena inversão do valor da vida. Ao proclamarem que a vida terrena está imersa em culpa e pecado, o asceta cristão transforma o sofrimento em castigo, interpretando-o como uma experiência necessária para expiar a culpa e o pecado inerentes à natureza decaída e à pecaminosidade da vida terrena. Através do sofrimento, o pecador pode redimir sua culpa e trilhar o caminho em direção à vida eterna. A contradição é persistente: à medida que a natureza é negada, uma natureza doentia é exaltada, cuja meta visa superar a própria natureza e atingir o sentido geral da vida e do viver. Em resumo, Nietzsche nos leva a refletir sobre como a interpretação religiosa molda nossa compreensão da vida e da existência, mesmo quando essa interpretação parece paradoxal e contraditória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A genealogia de Nietzsche ajuda a compreender como os valores do presente são moldados pelo passado, um passado que, no entanto, não deve ser tomado como autoevidente devido à nossa herança histórica e à estabilidade alcançada socialmente. O

equivoco apontado por Nietzsche é tomarmos essa estabilidade como uma verdade confiável e imune a mudanças. A história é complexa e permeada de nuances dinâmicas, crenças passadas que foram desafiadas e substituídas por outras crenças que se estabilizaram novamente. A crítica genealógica exige a revisão das crenças de um passado questionável e clama por um futuro que não falsifique a natureza em nossa história cultural. Nietzsche retrata o ideal ascético judaico-cristão como algo verdadeiramente terrível na história da humanidade, uma força destrutiva para a saúde da cultura ocidental. Ele o vê como mais prejudicial do que o alcoolismo e a sífilis em certos momentos da história europeia. O sacerdote concedeu poder aos enfermos ao interpretar o sofrimento, mas não os curou. Sob o pretexto de beneficiar e “melhorar” o ser humano, o sacerdote o domesticou, enfraqueceu-o e o aprisionou em uma espécie de jaula. Ao interpretar o sofrimento como um castigo constantemente merecido, o sacerdote conseguiu conferir um sentido à dor por meio do sentimento de culpa, aliviando assim a condição de sofrimento e a falta de sentido na vida daqueles que padecem. Em síntese, o ideal ascético representa uma contradição na vida que se opõe à própria vida, um sintoma do cansaço que busca depreciar este mundo natural e criar um “outro” sobrenatural, uma invenção que pressupõe um esgotamento, uma fadiga que prevalece na moral judaico-cristã.

REFERÊNCIAS

DARWIN, Charles. A Origem do Homem e a Seleção Sexual, 2009.

ELGAT, Guy. **NIETZSCHE'S PSYCHOLOGY OF RESENTMENT**: Revenge and Justice in On the Genealogy of Morals. New York: Routledge, 2017.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GIACOIA, OSWALDO. **NIETZSCHE**: o humano como memória e como promessa. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

HATAB, Lawrence J. **NIETZSCHE ON THE GENEALOGY OF MORALITY**: An Introduction. Cambridge. Cambridge University Press, 2008.

ITAPARICA, André. Sobre a gênese da consciência moral em Nietzsche e Freud, Cadernos Nietzsche, v. 30, 2011, pp. 13-32.

JANAWAY, Christopher. **BEYOND SELFLESSNESS**: Reading Nietzsche's Genealogy. New York, Oxford University Press, 2007.

NIETZSCHE, F. Samtliche Werke. Kritische Studienausgabe (KSA). Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. 15 Bände. Berlin. Walter de Gruyter, 1999.

_____. **AURORA**: reflexões sobre os preconceitos morais. São Paulo. Companhia das Letras, 2004.

_____. **GENEALOGIA DA MORAL**: uma polêmica. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.

_____. **ALÉM DO BEM E DO MAL:** prelúdio a uma filosofia do futuro. São Paulo. Companhia das Letras, 1992.